

FREYRE POR QUINTAS: UMA RELEITURA DA OBRA “SEXO À MODA PATRIARCAL”

FREYRE POR QUINTAS: A REVIEW OF THE WORK “SEX IN PATRIARCHAL FASHION”

Luíza Vieira Cavalcanti¹

Walter Valdevino do Amaral

Resumo: Neste artigo, nos propomos a estabelecer uma análise da obra “Sexo à Moda Patriarcal: o feminino e o masculino na obra de Gilberto Freyre” (2008). Trata-se de um livro da antropóloga Fátima Quintas, no qual ela se propõe a analisar as relações entre homens e mulheres durante o período colonial descritas nas obras do sociólogo Gilberto Freyre. Quintas visa com o texto problematizar como se dá, não apenas as relações sexuais que se passaram numa sociedade falocêntrica, mas também, como são

vistos e tratados os aspectos de feminilidade dentro do mesmo ambiente patriarcal. Ademais, através de sua leitura, também é possível identificar como Freyre é lido pela autora, bem como a relação que estabelece com ele. A partir de nosso estudo, portanto, buscaremos apresentar um parâmetro crítico sobre os levantamentos da autora e estabelecer interconexões entre a História, os estudos de gênero e a literatura acadêmica. Tomamos como aportes teórico-metodológicos para o desenvolvimento desta pesquisa,

¹ Graduada em História - Unicap

a historiadora Joan Scott e a filósofa Judith Butler, com suas contribuições aos estudos de gênero; e, o historiador Roger Chartier, para o estudo e compreensão da relação obra-autora.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Patriarcalismo.

Abstract: In this paper, we propose to establish an analysis of the book “Sex à Moda Patriarcal: the feminine and the masculine in the work of Gilberto Freyre” (2008). It is a text by the anthropologist Fátima Quintas, where she proposes to analyze the relationships between men and women during the colonial period, described in the books by the sociologist Gilberto Freyre. With the text, Quintas try to problematize not only the sexual relations that took place in a phallogentric society, but also

how aspects of femininity are seen and treated within the same patriarchal environment. Through the reading, it is also possible to identify how Freyre is read by the anthropologist, as well as the relationship she establishes with him. From our study, therefore, we search to present a critical parameter about the author’s surveys and interconnections between History, gender studies and academic literature. We take as theoretical-methodological contributions to the development of this research, the historian Joan Scott and the philosopher Judith Butler, with their contributions to gender studies; and, the historian Roger Chartier, for the study and understanding of the work-author relationship.

Keywords: Gender. Sexuality. Patriarchy.

Introdução

A antropóloga Maria de Fátima de Andrade Quintas, mais conhecida como Fátima Quintas, é uma escritora recifense de renome no ciclo intelectual pernambucano. Os seus temas de pesquisa estão voltados, dentre muitos, à compreensão de como se dá a subjetividade feminina e sua relação com a sexualidade. Em seu livro “Sexo à Moda Patriarcal: o feminino e o masculino na obra de Gilberto Freyre”, publicado em 2008, é possível compreendermos como a autora interpretou as relações de gênero dentro das teorizações do sociólogo.

As obras escolhidas por Fátima Quintas como base bibliográfica para a sua análise foram: “Casa-grande & senzala”, “Sobrados e mucambos”, “Vida social no Brasil nos meados do

XIX”, “Modos de homem, modas de mulher” e “Oh de casa!”.

Estas serviram de aportes para que ela estabelecesse um panorama sobre a temática. Além disso, a autora destaca três perspectivas distintas para o cenário feminino brasileiro: mulheres brancas, negras e indígenas.

No Brasil, o campo das Ciências Sociais passou por diversas fases em sua construção e consolidação. Durante esse processo, Freyre desempenha um papel de destaque nas academias, estando entre os pioneiros pesquisadores da Sociologia brasileira. Conforme ressaltam os sociólogos José Segatto e Edison Bariani: “[...] localiza o início do processo de institucionalização da Sociologia nos anos 1930, com a obra ‘Casa grande e senzala’, de Gilberto Freyre” (2010, p. 204). Com isso, grande parte da produção no país recebe um im-

pacto não apenas do contexto em que a obra estava inserida, mas também dos preceitos teóricos e metodológicos do autor.

Entretanto, a ampla difusão da produção freyriana carregou consigo, para além de contribuições à Sociologia, algumas problemáticas socioculturais. Isso porque as análises desenvolvidas em suas pesquisas remontam pensamentos do período e também da posição social do sociólogo. De acordo com o historiador Henrique Cunha Junior:

Se fizermos a aplicação dos métodos da história encontraremos significativas e inovadoras visões sobre a população negra e relativo às teorias racistas que precedem em pelo menos 20 anos as pesquisas e a publicação de Casa Grande e Senzala. Portanto, mesmo que as análises deste fossem cor-

retas não cabe o adjetivo de inovadoras no interior dessa discussão. Pela deficiência do uso sistemático, senzalas e casa grande tornaram-se um símbolo impregnado no pensamento brasileiro. Deficiência em razão de ser uma simplificação ou uma quase deformação da realidade histórica. (p. 86-87)

Com efeito, à medida que se consolidou e foi reconhecida como uma obra científica, tornaram-se legitimadas as teorias culturais levantadas pelo autor. Ademais, suas concepções se estabeleceram na memória coletiva como verdade, em que o modelo de sociedade proposto por ele foi aderido e tomado como um ponto de partida para História do período colonial.

Entretanto, com o avan-



çar dos anos, novas discussões e teorias foram incorporadas às Ciências Humanas e, com isso, Casa Grande & Senzala entre outros escritos de Freyre, passaram a ser revisitados e questionados. A obra de Quintas, que nos propomos a analisar com o presente artigo, é escrita sob essa perspectiva de estabelecer uma releitura sobre a produção freyriana. Contudo, ainda que traga um outro olhar, vale ressaltar que a autora estabelece sua visão dentro e a partir do contexto em que está inserida.

Como nos propomos a estabelecer um exercício duplo de leitura, uma perspectiva do livro da antropóloga escrito com base em suas interpretações das obras de Gilberto Freyre, o período de produção é algo que merece atenção especial. O texto de Quintas possui sua primeira edição no ano de 2008, neste período, al-

gumas produções e discursos no mundo sobre as questões de gênero já estavam sendo abordadas. Além disso, desde 1986, a autora vem trabalhando com a temática relacionada às mulheres e sexualidade.

Nessa mesma época, a historiadora Joan Scott já havia iniciado suas discussões sobre o tema estabelecendo uma concepção de que:

O termo “gênero”, além de um substituto para o termo mulheres, é também utilizado para sugerir que qualquer informação sobre as mulheres é necessariamente informação sobre os homens, que um implica o estudo do outro. [...] Além disso, o termo “gênero” é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos [...] uma forma de indicar “construções sociais” (SCOTT,

2003, p. 29).

Dessa forma, a caracterização do que forma o ser mulher é estabelecida através de uma junção de materializações socio-culturais. Levando em conta o ano em que a obra foi publicada, o conceito de gênero, sobretudo masculino e feminino, já compunham o foco de problematizações e estudos dentre as Ciências Humanas. Essas perspectivas já existiam na época, mas, mesmo assim, os/as escritores/as utilizados/as por Quintas para referenciar a obra foram, por exemplo, Simone de Beauvoir e Michel de Foucault, os quais não possuem uma abordagem que considere o conceito gênero como parâmetro de análise.

Diante disso, ainda que o tema e a produção do período tenham dado abertura para esse eixo de abordagem, sua ênfase

estava ligada apenas à sexualidade feminina dentro da sociedade colonial brasileira e estudo dos papéis sexuais daquele contexto. Portanto, levanta-se um questionamento para a análise da obra: por que mesmo com as teorizações existentes e debates sobre gênero vigentes, Fátima Quintas permaneceu apenas com uma escrita de História das Mulheres e optou por uma narrativa que concorda com o modelo freyriano, sem questionar possíveis problemáticas?

Entretanto, por mais que já existissem discussões em nível global sobre as questões relativas aos gêneros, há certa dificuldade em mensurar quanto este conceito estava popularizado no Brasil. No mesmo período da publicação do livro de Quintas, por exemplo, a filósofa Judith Butler lançou nos Estados Unidos a primeira edição do seu livro: “Gender

Truble” (1990), mas ele a versão traduzida só chega ao país alguns anos depois, intitulado como: “Problemas de Gênero” (2003). Apesar disso, Fátima Quintas já atuava como pesquisadora, tendo concluído seu mestrado muitos anos antes do livro ser publicado, indicando que a autora possivelmente tenha tido contato com os estudos das relações de gênero.

Porém, “Sexo à moda patriarcal” viabiliza aos leitores e leitoras a construção de relações e críticas sobre as distinções não apenas entre o feminino e o masculino, mas entre questões étnicas. A abordagem conservadora da obra segue, com efeito, como um ponto não esclarecido, deixando em aberto as motivações que tenham levado-a a optar por uma escrita que não cita fontes da área de gênero, e também sobre raça e classe. Mas, através da leitura da obra, observamos al-

guns pontos que podem ser problematizados, levando em consideração as discussões recentes desenvolvidas sobre as temáticas.

2. A obra antes da obra

Antes de iniciar a análise do conteúdo do livro, acreditamos ser contundente estudar sobre a história de vida da autora, no intuito de compreender de que lugar ela produzia. Entretanto, ressaltamos que o produto de sua escrita recebe interferência de distintos fatores. De acordo com o historiador Roger Chartier, ao utilizar uma obra como fonte e/ou objeto para historiografia, é necessário ter:

[...] consciência dos processos que são objeto de qualquer história da cultura escrita. Três deles são essenciais. O primeiro é criado pela pluralidade das operações

usadas na publicação de texto. Autores não escrevem livros, nem sequer seus próprios livros. Livros, sejam manuscritos ou impressos, sempre são resultado de múltiplas operações que supõem uma ampla variedade de decisões, técnicas e habilidades (2014, p. 39).

Assim, há uma gama de motivações pessoais e fatores externos que influenciam na produção de um livro, como edição, circulação, localização geográfica da publicação, discussões do período, etc. Essa é uma observação que levamos em conta para realizar a leitura de “Sexo à moda patriarcal”. Contudo, ao assinar a obra, Fátima Quintas desempenha um papel central para o desenvolvimento das ideias ali presentes. Visamos analisá-la tendo em mente os processos que

ela vivenciou, a qual classe e raça pertencia, dentre outros elementos que culminaram na sua escrita.

A antropóloga possui trajetória e obras conhecidas no circuito intelectual pernambucano. Nascida no Recife, em 28 de fevereiro de 1944, foi inserida desde a infância no mundo da leitura devido ao interesse pela biblioteca pessoal do seu pai, Amaro Quintas, historiador e imortal pela Academia Pernambucana de Letras. Mesmo antes de saber ler, ia imergir-se nos livros e, escondida, fazia rabiscos por entre as páginas, como a própria comenta no livro “Perfis Acadêmicos” (Cf.: QUINTAS, 2016, p. 307). Desse modo, os estudos, a leitura e a escrita fizeram parte de sua construção e do seu desenvolvimento.

Ao entrar na fase adulta, realizou a graduação em Ciências

Sociais na Universidade Federal de Pernambuco, mesma instituição em que concluiu o mestrado em Antropologia, em 1985. Suas pesquisas ancoram-se nas temáticas voltadas para feminino, sexualidade, baixa renda, biografia, poesia e contos. Entre os anos de 1965 e 2001, atuou como pesquisadora na Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj). No ano de 2003, tornou-se imortal pela Academia Pernambucana de Letras, com unanimidade (Cf.: APL, 2006). A participação ativa que realizou lá lhe possibilitou alcançar o cargo de presidente desta instituição, em 2012, sendo a primeira mulher a ocupar tal posição.

Esteve ao longo da vida constantemente dividida entre subjetividade e academicidade; enquanto escritora é possível identificarmos duas Fátimas: uma poetisa e uma cientista social. Enquanto antropóloga, o

trabalho na Fundação Joaquim Nabuco fornece indícios de características e influências na sua produção, tanto em temáticas quanto em discussões. Até o momento, possui um total de 52 títulos, destes, uma parcela considerável foi publicada pela instituição. Ademais, é perceptível uma aproximação de Quintas à literatura de Gilberto Freyre, fundador da Fundaj. Isso porque além de ser uma referência frequente nos seus trabalhos, dentre os livros que ela escreveu, 8 são exclusivamente sobre o sociólogo e suas obras, como é o caso do texto utilizado como objeto para nossa pesquisa.

3. Análise de “Sexo a moda patriarcal”

Diante do que foi exposto, partimos para a análise crítica do conteúdo do livro, buscando

resenhar e discutir pontos que nos chamaram atenção durante a pesquisa. Logo no primeiro capítulo, intitulado “Perplexidades, intimismos, recorrências proustianas”, a autora realiza uma introdução subjetiva à obra, na qual narra em primeiro lugar sua experiência pessoal com Freyre. Evidenciando de antemão que a perspectiva a ser tomada pelo trabalho será uma revisitação ao que por ele foi escrito, não no intuito de estabelecer contrapontos ou críticas, mas no sentido de explicar como o feminino e o masculino são abordados em suas obras.

Comenta, portanto, que o conheceu ainda criança, aos oito anos de idade, por intermédio de seu pai. Aqui, faz breves comentários sobre suas primeiras impressões, as quais despertaram nela uma curiosidade sobre seus próprios antepassados, com

ênfase nas mulheres. Afirma ainda que, Freyre seria pioneiro, no país, na abordagem do ser feminino, indiscutivelmente, sendo uma fonte básica para o seu estudo nessa antropologia, o que hoje pode ser uma informação relativizada. Ressalvando que, há um cuidado com a leitura que realiza das obras do sociólogo, por conta de seu destaque à contextualização, ou seja, leva em conta que as obras do autor apresentam excessos de suavização de muitas questões importantes.

Porém, como comentamos anteriormente, por mais que possuam contribuições indubitáveis da obra de Freyre para as Ciências Sociais como um todo, a difusão de seu trabalho tornou sua produção como parte do que compõe a memória do período. Além disso, seu discurso parte de um lugar muito distante das realidades às quais se propôs re-

tratar, tomando como exemplo a abordagem do ser feminino. Isso porque, à medida que o classifica, documenta uma imagem de mulher que é impregnada por suas concepções pessoais. De acordo com Butler, “A linguagem é investida do poder de criar ‘o socialmente real’ por meio dos atos de locução dos sujeitos falantes” (2017, p. 200). Portanto, esses excessos de suavização, ao que se refere Quintas, também foram uma forma de contribuir com as materializações de gênero que o autor perpetua.

Ainda na introdução, a autora descreve a divisão do texto em três partes levando em consideração a perspectiva freyriana sobre a formação étnica brasileira: a mulher indígena, a portuguesa e a negra. Também são sinalizados os livros que serviram como base para seu estudo: “Casa-grande & senzala”,

“Sobrados e mucambos”, “Vida social no Brasil nos meados do XIX”, “Modos de homem, modas de mulher” e “Oh de casa!”. Por fim, comenta que serão analisadas as relações entre os sexos masculino e feminino, ainda que a obra pretenda destacar a posição da mulher.

A primeira parte se destina às mulheres indígenas, na qual se subdivide em quatro capítulos. A antropóloga se propõe a descrever o contexto do Brasil no período colonial. Com a chegada dos portugueses às terras brasílicas, depois de uma longa travessia do Atlântico, uma das primeiras ações dos navegantes seria a busca de satisfação do desejo sexual. Assim, segundo narra, ao se deparar com a população nativa e sua relação com os corpos desnudos, a interpretação tida por esses estrangeiros se fez equivocada.

Consoante a autora: “O quadro inicial revelava um ambiente de ‘intoxicação sexual’, como se a libido da mulher se exacerbasse quase que ensandecidamente ante o potente pênis europeu” (QUINTAS, 2008, p. 25). Essas visões distorcidas por parte dos portugueses determinaram um prevalecimento de pensamentos machistas sem embargos e a ideia de superioridade. Enquanto no território tais questões eram vistas de outras maneiras, um exemplo citado no livro é a questão da homossexualidade, sem haver distinções ou repúdio por parte da população nativa.

Destaca ainda que os colonizadores se interessaram sexualmente pelas nativas, que em certos casos haveria tido reciprocidade, mas apenas no que se referia a questão do sexo. Os europeus não ofereceram mais nenhuma relação amorosa e os

filhos que se geravam dessas relações dificilmente teriam uma voz de reconhecimento paternal. Assim, a população se ampliava, sem reconhecimento, com os portugueses encontrando, no país, um local para satisfazer seus desejos sexuais sem pudores ou qualquer moralidade. É, portanto, nesse paradigma de toxicidade sexual de posições hierárquicas e de subjugação que a autora destaca o contato entre os colonizadores e as mulheres nativas.

Seguindo para o capítulo “Poligamia: símbolo de valor econômico”, destacamos que a objetificação dessas mulheres nativas foi um dos pontos de destaque. Nas suas palavras: “A Índia simbolizou, no período da descoberta do Brasil, um elemento de unidade social e econômica para o seu grupo étnico” (QUINTAS, 2008, p. 31). Através de suas lei-

turas de Freyre, ela debate que isso se dá pelo ponto em que as mulheres nativas são posicionadas na cultura branca. Primeiro, como um objeto de satisfação sexual dos colonizadores e, segundo, como força braçal para trabalhar em condições escravistas.

Nesse prisma, é destacada como a poligamia na cultura de grupos locais colocou as mulheres como agentes de interferência na dinâmica econômica. Isso porque, quanto mais esposas, mais o indivíduo masculino poderia ascender na sociedade. Ademais, para as indígenas, o trabalho era triplicado pelas funções sociais a elas destinadas, de mãe, esposa, cozinheira e na roça. Disso, a concepção da maternidade também é uma perspectiva para a análise de relações de gênero das comunidades. A autora diferencia ao longo do texto o conceito de maternidade (gerar uma crian-

ça) de maternagem (o exercício de cuidado após o nascimento).

Segundo ela, o masculino no contexto indígena se beneficiou das estruturas sociais de determinação dessas funções, como é o caso da poligamia. Entretanto, ressaltamos que ainda que esse seja um fator a ser considerado, a população indígena foi como um todo explorada e violentada durante toda a história do Brasil. Neste caso, as diferenças entre gêneros não interferem nas vivências de homens indígenas, visto que a identidade racial como um todo foi afetada pelo processo de colonização. Uma observação que estabelecemos é que, segundo Butler, gênero seria “um ponto relativo de convergência entre conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes” (BUTLER, 2003, p. 29). Ou seja, dentro dessas materializações, o que for-

ma o ser mulher não é biológico, como se é proposto ao idealizar o instinto maternal, mas sim meramente sociocultural.

No capítulo “Couvade & baido”, ela coloca que na sociedade brasileira há uma exaltação da figura feminina, mas não há aplausos, pois é dado apenas um reconhecimento silencioso. Portanto, a sociedade indígena e seus líderes masculinos, com poucas ressalvas, colocavam as mulheres em um papel secundário. Neste ponto, a autora também evidencia, no que consumiu de Freyre, como a bissexualidade teoricamente serviria para dar um sentido social a esta questão:

A couvade sugere um critério de interpretação que se afina com o modo acima exposto: o masculino incorporado ao papel do feminino pós-parto. Fenômeno revelador de uma

apetência à bissexualidade quando outorga ao homem direitos legítimos de ser mulher, não sendo necessário, nesses momentos, esconder ou manipular o desejo, agora plenamente reconhecido pela comunidade – anseio de ser mulher (QUINTAS, 2008, p.37).

Aqui acreditamos ser necessário estabelecer algumas observações sobre os conceitos utilizados pela antropóloga. A bissexualidade se enquadra como o interesse sexual em dois, ou mais, gêneros e não a necessidade de assemelhar-se a um deles. Ou seja, há um equívoco em sua narrativa, sobretudo porque também atrela e confunde gênero com sexualidade. Acreditamos que talvez ela se referisse a pessoas trans ou não binárias, visto

que sinaliza a intenção de possuir características de um gênero diferente do designado ao nascer. Porém, ao colocar a bissexualidade como uma questão relativa ao gênero e não à sexualidade, reafirma que sua abordagem no livro de fato não leva em consideração a teorização e estudos de gênero.

O segundo termo destacado pela autora é o de bauto:

Em paralelo à instituição da couvade, há que se registrar a existência de sociedades secretas, os chamados bauto: espécie de maçonaria franqueada aos meninos e adolescentes com o propósito de inicia-los na prática da virilidade mediante severas provas físicas, um verdadeiro campeonato de emulação de forças (QUINTAS, 2008, p.38).

De acordo com ela, essa estrutura serviu para auxiliar na formação cultural de uma supremacia masculina, na qual os papéis masculinos e femininos foram pré-estabelecidos.

Na segunda parte do livro discorre sobre as mulheres brancas, que em sua concepção seria uma etnia base na formação do ideário da mulher brasileira. No primeiro capítulo desta parte, “O isolamento árabe”, a autora traz uma descrição do cenário feminino português. Abordando a questão do isolamento/esquecimento dessas mulheres no período colonial. A portuguesa colonizadora recebia a missão de resguardo, recato e sujeição, o contato externo era uma função dada aos homens. Isso gerou, segundo Quintas, uma forma de subjugar os corpos femininos, pois escondidas e isoladas não

havia outra saída senão aceitar os maus tratos de seus maridos e seus comportamentos abusivos. Concomitantemente, o homem português se colocava em posição de dominar e fazer o que bem entendesse com as suas esposas.

Destaca ainda, a estrutura arquitetônica das casas-grandes, favorecendo ainda mais o isolamento. Cômodos fechados sem ligação, poucas janelas aumentavam ainda mais a sensação de “prisão”, até mesmo porque o ciclo social dessas mulheres era também reduzido com poucas visitas de padres e amigas. Portanto, segundo ela: “Foi um isolamento forçado, a começar pelo físico, que originou terríveis desastres sociais, porque elidiu apelos psicológicos e fortaleceu ilhas de frustração” (QUINTAS, 2008, p. 56). As mulheres brancas eram colocadas em uma posição de serem recatadas sexualmente, mas

ao mesmo tempo, deveriam obedecer as vontades de seus maridos, além disso, também deviam ser devotas à Virgem Maria e manter a imagem de puras.

Comenta que o sistema patriarcal possuía uma cultura fortemente ligada aos rituais de passagem, em especial quando esse rito referia-se a chegada a vida adulta. Ao contrário dos meninos, para a tradição católica predominante no período colonial, às meninas se preservam de forma quase que coercitiva a castidade. A primeira comunhão era um elemento de passagem da mulher branca para vida adulta, a tomada de responsabilidades e a espera do casamento. Aqui ela dá um destaque especial para essa “cobiça” ao casamento, que quase se tornava uma profissão para os seres femininos, e no Nordeste, a questão parecia mais intensa para as jovens brancas portugue-

sas.

A sinhazinha, para Quintas, foi colocada nessa dicotômica machista, isso a forçou a aceitar sua “castração social” e a se curvar às determinações do sistema. Dessa forma, o corte bruto entre a fase da infância para a adulta, muitas vezes precoce, causou sérios danos psicológicos para as mulheres brancas. O masculino passa também a negar fortemente qualquer traço que se assemelhasse à figura feminina, mas a autora ainda faz a seguinte ressalva:

Que fique claro: a realidade patriarcal supervalorizou o homem em detrimento da mulher, porém jamais se deve compreender esse contexto como um dado solto, e sim como um dado incrustado em meio a inúmeros outros que interagiam. O homem também

sofreu uma tirania: a do exercício machista e da superestimação do falo, o que diz de uma intolerância para com a liberdade individual (QUINTAS, 2008, p. 69).

Ao passo que o falocentrismo destacava o pênis quase como um culto para os homens e uma relação perversa com a sexualidade masculina, às mulheres era o processo oposto. É fantasiado o casamento, reprimida a sexualidade e enfatiza-se o rito de transferência da posse do pai para o marido.

Para as casas patriarcais, como é dito no capítulo “O pantagruélico banquete do casamento”, o matrimônio era uma cerimônia das mais valorizadas, pois: “Instalada a família, ramificava-se a civilização do açúcar” (QUINTAS, 2008, p. 71).

A sinhazinha levava consigo o

fetiche da virgindade, cobiçada pelos homens. Nesse caso, as distinções de gênero se fazem notáveis. A castidade feminina é valorizada, obrigatória e considerada um bem do futuro marido, entretanto a masculina é motivo de chacota.

Sobre o parentesco encontrado dentro das casas-grandes do Brasil colonial, ressaltamos que as famílias se fechavam em nichos nos quais os casamentos aconteciam, preservando o laço consanguíneo. Ademais, apesar dos homens portugueses frequentemente se relacionarem com mulheres nativas e africanas, não oficializavam essas relações. A esposa, no fim das contas, branca, de preferência vinda de uma família rica ou da própria família.

Em “As iaiás solteironas”, por outro lado, se propõe a comentar sobre aquelas que

por alguma eventualidade não se mantiveram na virgindade. Destaca:

Esclareça-se que nem sempre essas mulheres tiveram o prazer orgástico. Tiveram, sim, a carga da maternidade, egressa, em alguns casos, de enfadonhas relações sexuais. Na esfera patriarcal, a concepção calcinou o grande determinante da linguagem conjugal. (QUINTAS, 2008, p. 85).

Logo, além de pagar por não se casar, coisa que era considerada totalmente desastrosa para a sociedade brasileira colonial, muitas vezes eram obrigadas a passar por uma gestação que simbolizaria para o resto de sua vida seu erro. Ou seja, da mesma forma que, o casamento era almejado e glorificado pelas moças, o medo de ser a “soltei-



rona” era fortemente reforçado como o pior dos resultados para suas vidas. Algo que de certa maneira ficou cristalizado até os tempos atuais, visto que existe uma pressão com relação ao casamento para as mulheres.

No último capítulo da Parte II, aborda a ideia que as mulheres brancas portuguesas do mundo patriarcal envelheciam forçosamente rápido. Era requerido dela um amadurecimento precoce para tornar-se moça e logo em seguida casar-se e se tornar mulher. Corpos que muito facilmente envelheciam, aos vinte anos já apresentando sinais claros que a vida adulta havia chegado.

A terceira parte do livro corresponde às análises que realizou sobre as mulheres negras. No primeiro capítulo dessa parte, “Clandestinidade sexual”, a autora comenta sobre a “mucama” e seu lugar no patriarcado brasilei-

ro, que teria supostamente destaque entre as negras no serviço doméstico e as que exerciam o papel de mães para seus patrões. Para estas, o espaço reservado era sem regras, principalmente no campo sexual, eram submetidas a situações “clandestinas” sem ter margens para imporem suas vontades ou queixas, inclusive, pois havia comumente casos de incesto por conta dessas relações não reconhecidas publicamente.

É pontuado pela autora, através de sua leitura de Freyre, um indício de rivalidade feminina, que se mostrava ainda mais cruel em tratamento do que pelos próprios senhores. Segundo ela, o ciúme das mucamas provocava reações de punição que traçavam um sórdido comportamento das brancas. E que em menores proporções se mantinham na sociedade hodierna o hábito de sentir

raiva e punir outras mulheres, colocando nelas as culpas pela infidelidade dos maridos ou namorados. Entretanto, destacamos que essas condições foram gestadas e fomentadas pela estrutura que elas estavam inseridas. Independentemente do gênero, a mulher branca ocupou um espaço de poder, tanto perante outras mulheres como homens negros e indígenas.

Em seguida, comenta que o cristianismo dominou o contexto do Brasil Colônia, mas a releitura que aqui existia adaptou-se a determinações sociais do ambiente. Os pilares que se observaram pela autora foram os seguintes: “o negro, com o fetichismo pleno de angulações; o índio, com o animismo atávico, não menos fetichista e garbosamente totêmico; o português, com a plasticidade suscetível a variâncias místicas” (QUINTAS,

2008, p. 116). Para ela, os homens brancos não se opuseram a esse movimento do catolicismo para ser adaptado à realidade brasileira, principalmente porque atenuava algumas de suas obrigações enquanto cristãos.

No capítulo “A mãe-preta: ama-de-leite por excelência”, afirma que o ato de amamentar se viu biologicamente e socialmente dificultado para as mulheres portuguesas. A explicação que utiliza é de que como geravam muitos filhos sem pausas entre as gestações, se distanciavam da fase pós-parto terceirizando-a para escravizadas que cumpriam a função de aleitar e oferecer cuidados. Por terem um papel de destaque dentro da casa-grande, as mães-pretas recebiam um tratamento hierarquicamente diferenciado do que era dado a outros escravizados.

Faz ainda um levanta-

mento de conceitos da psique humana que justificariam o amplo interesse/condição dos homens brancos das casas-grandes em apenas se satisfazerem sexualmente com as mulheres negras, associando as imagens às de suas mães de criação, que os amamentaram, aleitaram e cuidaram. Não obstante, as análises presentes no livro possuem uma ótica problemática nesse aspecto, ao passo que tenta utilizar esse pretexto para justificar os estupros cometidos com as escravizadas. As relações que ali existiam serviam a um propósito de reafirmação de que o corpo daquelas mulheres não as pertenciam, uma imposição de poder que foge a qualquer tipo de atração puramente sexual.

Aborda no capítulo “Moda de mulher negra”, quais foram às imposições de vestimenta feitas às negras no período colonial. Diferentemente das

brancas, as opções de vestuário eram determinadas incisivamente pelos senhores. Logo, nada era decidido por essas pessoas como forma de expressar-se perante a sociedade. Os escravizados eram vestidos apenas para mostrar o poder econômico de seus senhores. Não podiam usar joias, cabelos muito volumosos, corpos bem higienizados ou cuidados, nem roupas elegantes demais. Um costume que persistiu culturalmente foi a preferência por estampados ou mesmo turbantes, símbolos que mesmo fortemente reprimidos resistiram nos corpos negros em terras brasileiras.

Discorre ainda sobre a proliferação da sífilis, bem como outras doenças sexualmente transmissíveis, por essa comunidade. Os jovens brancos entendiam as marcas de doenças venéreas como símbolos de sua virilidade e comprovação de uma

vida sexualmente ativa. Destarte, como foi dito, as “mucamas” eram frequentemente submetidas a relações não consentidas em que os homens depositavam em seus corpos o sêmen contaminado com a sífilis. Assim, a doença que havia sido espalhada para as indígenas também foi para as negras que sofreram com as consequências do sistema patriarcal brasileiro.

4. Considerações Finais

Fátima Quintas conclui seu livro explicando como foi o processo de sua conclusão, comentando ainda mais sobre seu estudo da presença feminina nas obras de Gilberto Freyre. Além disso, destacamos a importância de movimentos como Escola dos Annales e da Nova História para a aproximação das ciências históricas às antropológicas e socioló-

gicas. Isso porque, essa proximidade deve existir, mas, consoante o historiador Marc Bloch (2001), um não deve invadir o espaço do outro.

Dessa forma, a escritora procura estabelecer um parâmetro de problematizações, ainda que não possua aportes teóricos em gênero, sobre a condição das mulheres no período colonial. Para a realização do seu estudo, utilizou como principal fonte, livros do sociólogo Gilberto Freyre. Sua ênfase estava mais voltada à perspectiva sexual da abordagem, sobre como se dava a relação das mulheres com sua sexualidade dentro desse contexto.

Identificamos que as estruturas do sociólogo foram mantidas pela antropóloga, por mais que se fizesse um recorte em uma realidade específica. O método de categorização em grupos também foi algo que observamos

como uma influência em seu trabalho. Com isso, em “Sexo a moda patriarcal”, Quintas se propõe a abordar como se configuravam as relações entre homens e mulheres no período colonial através de Freyre.

Referências

APL. Academia Pernambucana de Letras: efemérides. Recife, APL, 2006. v. 2.

BLOCH, Marc. Apologia da História ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BUTLER, Judith. Gender trouble: feminism and the subversion of identity. Estados Unidos: Editora Routledge, 1990.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão

da identidade. Tradução de Renato Aguiar, 14 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

CHARTIER, Roger. A mão do autor e a mente do editor. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

JUNIOR, Henrique Cunha. Críticas ao pensamento das senzalas e casa grande. Revista Espaço Acadêmico, v. 13, n. 150, p. 84-100, 11 nov. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/21122>>. Acesso em: 10 dez. 2021.

QUINTAS, Fátima (org.). Perfis acadêmicos: Academia Pernambucana de Letras. Recife: Bagaço, 2016.

QUINTAS, Fátima. Sexo à moda patriarcal: o feminino e o masculino na obra de Gilberto Freyre.

Ensaio. São Paulo: Global Editora, 2008.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 71-99, jul./dez., 1990. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 5 nov. 2018.

SEGATTO, José, BARIANI, Edison. As Ciências Sociais no Brasil – trajetória, história e institucionalização. Revista em Pauta. V. 7 N° 25. Jul. 2010. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaempauta/article/view/2922/0>>. Acesso em: 5 dez. 2021.